

# Revolução



PORTA-VOZ DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

ANO I / N.º 6 / 5 DE JULHO DE 1974 / PREÇO 2\$50 / SEMANAL

## EDITORIAL

### MILICIANOS AO LADO DOS TRABALHADORES

Encontram-se presos na Trafaria dois aspirantes oficiais milicianos, que se recusaram a ocupar os CTT, no sentido de dominar os trabalhadores em greve.

Sabendo nós como é rigorosa a disciplina militar, saudamos aqueles dois milicianos, que se recusaram a praticar actos contra a sua consciência. Sabiam decerto que isso tinha consequências e arriscaram a liberdade neste País livre da revolta de Abril.

Pois se era habitual, lógico e aceite, ser preso político antes da queda do fascismo, torna-se estranho, confuso e até ambíguo ser preso neste momento. Já não funciona a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos, já não se apela ao antifascismo sem fronteiras. As massas ainda despolitizadas identificam presos com pides. É com esta confusão que se joga e pretende-se um não esclarecimento.

Por isso é urgente esclarecer que quem é preso agora não o é apenas por ser antifascista, mas por ser anticapitalista consequente.

O poder capitalista mantém-se e com ele a repressão que for necessária para tenter pôr na ordem os trabalhadores.

Capital dum lado, trabalhadores do outro, a sua luta, a luta de classes, não vai correr de cravos na mão. Vai ser agora luta tanto mais dura, quanto o primeiro vê perder o terreno e os segundos se organizam.

O movimento grevista de Maio, e principalmente as lutas da TIMEX e dos CTT, viram cair sobre si a agressão de todas as autoridades e entidades, que pretenderam impor a "paz social" — sindicatos, partidos, Governo Provisório, J. S. N. Essa agressão manifestou-se através de acusações, insinuações, interferências, e por fim culminou com a ameaça de ocupação dos CTT pelas Forças Armadas. Tudo em nome da luta contra a crise e contra o "caos".

Pensamos que seria justo combater a crise se estivéssemos numa sociedade socialista, em que os problemas económicos dissessem respeito ao colectivo e que fosse este colectivo a combatê-los.

Mas a crise económica actual é a crise do capitalismo português, que não temos que apoiar ou proteger, mas sim que combater e desagregar até ao fim.

Continua pág. 2

## MANIFESTO DOS GREVISTAS DA MABOR

À classe operária, aos trabalhadores, a todos os explorados.

Camaradas, há trinta dias e trinta noites que estamos em luta aberta pelos nossos direitos elementares, por condições de vida dignas de um ser humano, contra um patrão que nos explora há 28 anos. A luta tem sido dura, mas estamos dispostos a continuar até à vitória final. Durante este mês aprendemos muito e hoje estamos mais conscientes e organizados do que nunca... Por isso a nossa união é cada dia que passa mais forte. Por isso hoje, sabemos que a nossa luta também vos pertence visto que sois tão explorados como nós. Por isso decidimos explicar-vos nós próprios porque lutamos e porque contamos com a vossa solidariedade no combate de todos, por reivindicações que a todos pertencem.

MABOR: 28 ANOS DE EXPLORAÇÃO. Profundamente ligada a regime fascista cujas figuras mais importantes foram expulsas do Governo pela força das armas na madrugada de 25 de Abril, a MABOR é uma das empresas do grupo Quina (Banco Borges & Irmão), Cerejeira, etc.

Desde que a fábrica abriu que a exploração de que já éramos vítimas nos campos, se agravou. Temos de vender barato o nosso trabalho para conseguirmos subsistir. Temos vindo a ser julgados escandalosa e brutalmente. Alguns de nós foram mesmo sujeitos a interrogatório, dentro da empresa, que acabaram por nos esgotar as forças e levar a perder os sentidos. Alguns de nós sentiram na carne os insultos, os interrogatórios da PIDE que chegou a viver cá dentro 24 horas por dia e tentou desesperadamente encontrar um «coutado» para as avarias que iam surgindo nas máquinas onde deixámos o nosso suor. A exploração do nosso trabalho permitiu que, para além dos gastos desnecessários os patrões tenham construído 4 fábricas aqui em Louzad onde trabalham outros camaradas tão explorados como nós. Todos nós já deixámos nas máquinas uma parte da nossa saúde. ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!

De há muito tentamos conseguir melhores condições de vida e salários menos injustos; tentamos evitar que os moínhos de borracha nos levem os dedos, que o negro do fumo nos encha os pulmões, para falar só de dois exemplos. Ainda Salazar estava no Governo e já nós — tal como mulheres camaradas deste país e do mundo inteiro — lutávamos pelos direitos, tentávamos diminuir a exploração de que somos vítimas. Sabemos que enquanto houver patrões seremos explorados. O que nunca desistiremos

é de avançar cada vez mais na luta por aquilo que nos pertence. Sabemos que venceremos. MABOR: UM MÊS DE LUTA POR 6000\$00 escudos e 40 horas.

Hoje temos condições mais favoráveis para impor os nossos direitos, cada vez mais camaradas sabem que é pela luta que os direitos se conquistam, que é sobretudo na luta que descobrimos quem são os nossos verdadeiros e falsos amigos, cada vez entendemos melhor como nos exploram, porque o fazem e como devemos lutar contra isso. Hoje, após trinta dias de

mos certos de que só pedimos uma pequena parte do que nos pertence. Neste momento estamos em luta pelas quatro reivindicações que consideramos urgentes e as mínimas aceitáveis:

— Salário mínimo de 6000\$00 e 40 horas em 5 dias semanais de trabalho

— um mês de férias com 100% de subsidio

— subsidio de Natal de 100%.

Até agora conquistámos as duas últimas, aquelas que não afectam grandemente os lucros da Empresa.

**É PELA LUTA QUE OS DIREITOS SE CONQUISTAM, QUE É SOBRETUDO NA LUTA QUE DESCUBRIMOS QUEM SÃO OS NOSSOS VERDADEIROS E FALSOS AMIGOS**

greve com a ocupação da fábrica vimos já meia dúzia de traidores mostrarem a sua verdadeira cara. Alguns, mais fracos, vacilaram; resistimos às ameaças, às chantagens e soubemos mesmo mostrar a alguns trabalhadores não operários — que tentaram sabotar a nossa luta indo ao ponto de entrar na fábrica à força, pondo-se abertamente do lado do patrão — que não estamos dispostos a desistir e não permitiremos que, os traidores se confundam com os operários. Esta-

A luta continua pelos 6000\$00 e pelas 40 horas. Estamos certos de que para nova dificuldade encontraremos uma nova arma. Quando todos os jornais se calaram sobre a nossa luta, viemos para a rua e nem o mau tempo nos impediu de gritar bem alto: VIVA A CLASSE OPERÁRIA! UNIDOS VENCEREMOS.

Há dois meses que não recebemos um centavo que nem sequer os salários de Maio — quando ainda pensávamos conseguir convencê-los a paga-

rem-nos o que nos devem sem recorrer à greve — nos pagaram. Percebemos então que só com a solidariedade dos camaradas que noutras fábricas são igualmente explorados por outros patrões, conseguiríamos vencer a arma da fome que a Administração não hesita em usar. A NOSSA LUTA É A VOSSA LUTA.

Hoje sabemos que a nossa luta faz parte da luta de todos os operários travam contra todos os patrões onde quer que a exploração destes sobre quem tudo produz e pouco recebe. Hoje sabemos que só quando todos os explorados se unirem contra os exploradores conseguiremos vencer total e definitivamente. Até lá lutaremos cada vez mais, cada vez melhor por uma vida digna de homens certos de que caminhamos para uma vitória que ninguém nos conseguirá arrancar das mãos.

**ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA  
VIVA A CLASSE OPERÁRIA  
VIVA A JUSTA GREVE DOS OPERÁRIOS DA MABOR  
UNIDOS VENCEREMOS**

29 de Junho de 1974.

*Foi feita uma comissão eleita pelos trabalhadores e é constituída por operários da fábrica. Portanto, a Comissão é constituída por operários da fábrica eleitos em assembleia e discutida.*

## As novas "Conversas em família"

O General Galvão de Melo voltou à televisão. E voltou para continuar, o seu discurso fascista. Desta vez para se apresentar como admirador do «progresso», do «milagre» brasileiro, como defensor do seu modelo de desenvolvimento económico, entusiasmado com as realizações industriais, com o crescimento do Produto Nacional Bruto, «a taxas que logram ultrapassar os 10%». Pura mistificação. Por trás deste palavreado e números, uma realidade — a subordinação e dependência, cada vez maior de um país em relação ao imperialismo; a sobre-exploração, a opressão e violenta repressão a que estão sujeitas as classes trabalhadoras, a ausência de quaisquer liberdades sindicais, prisões arbitrárias, recurso sistemático à tortura, e assassinato de militantes revolucionários.

A «revolução» de Abril de 1964, que instituiu uma ditadura militar, surge num período de crise do regime democrata-liberal, caracterizado pelo ascenso das lutas operárias e do movimento reivindicativo de massas face à inflação galopante, pela organização política dos camponeses, pelo falhanço das tentativas «nacionalistas moderadas» de Goulart. Impossibilitada no quadro das instituições vigentes de impedir o desenvolvimento e avanço do movimento popular, opta a classe dirigente local em

associação com o imperialismo, por um regime de força.

Antes do mais, o golpe militar de 1964 significa a institucionalização de um forte aparelho repressivo, a eliminação de todas as liberdades, a repressão das organizações políticas da classe operária e do campesinato, a possibilidade através de uma extraordinária violência de conter o movimento popular. Para o capital imperialista a condição para realizar uma sobre-exploração das massas trabalhadoras, para aumentar as suas taxas de lucro.

Será, assim, através de um regime de extraordinária repressão, de um modelo de desenvolvimento consistindo essencialmente numa consciente e total integração com a economia imperialista que a burguesia local associada ao imperialismo, fará face a uma «crise».

Um estudo efectuado por uma comissão parlamentar, revelava que no Brasil os capitais estrangeiros dominavam: 40% do mercado de capitais, 62% do comércio externo, 82% dos transportes marítimos, 77% das linhas de aviação intercontinentais, 100% do fabrico de veículos a motor, mais de 80% da indústria farmacêutica, cerca de 30% da indústria química, 39% da produção mecânica, 48% de alumínio e 96% do fabrico de cimento.

Com o fluir de capitais privados estrangeiros, se faz fundamentalmente com o objectivo de extrair a mais-valia do país onde se investe, havendo uma tendência a repatriar esta mais-valia, legal ou ilegalmente, a empresa privada estrangeira não tem qualquer efeito acelerador nem intervem no processo de desenvolvimento acumulativo do referido país, ou seja, uma política de desenvolvimento, que mais não significa que o reforçar de uma dependência, o agravamento dos desequilíbrios políticos, económico e social.

Quanto aos empreendimentos industriais que o Sr. Galvão de Melo tanto admirou, cabe dizer que criar indústrias não é precisamente industrializar.

Quando os investimentos se realizam eles integram-se não em qualquer plano ou programa de desenvolvi-

**A única atitude revolucionária é não sacrificar nenhum princípio, nenhuma reivindicação dos trabalhadores à ambição oportunista de participar num governo provisório que mais não é que o governo da grande burguesia exploradora dos povos das colónias e exploradora do proletariado português». (Do Manifesto do PRP)**

**ENTREVISTA COM A ORGANIZAÇÃO "COMUNISTA FORBUNDET"**



## UM DOCUMENTO CONTRA A GUERRA COLONIAL

DO MOVIMENTO DE APOIO  
AO MOVIMENTO DAS FORÇAS  
ARMADAS RECEBEMOS  
A SEGUINTE CIRCULAR:

MOVIMENTO DE APOIO  
AO M.F.A. NAS FRENTE  
DE COMBATE  
DA R. M. MOÇAMBIQUE

CIRCULAR PARA TODOS  
AS UNIDADES  
E SUB-UNIDADES DA R. M. M.

**Nota:** Esta circular deve ser lida por todos os graduados dessa unidade e ser comunicado o seu contexto a todas as praças para apoio do movimento.

1 — Do M.F.A. resulta sem sombra de dúvidas que as guerras coloniais não têm, nem podem ter uma solução militar, mas sim política.

2 — Nas frentes de combate continuam a morrer militares e elementos dos grupos de libertação, o que mais do que nunca, não se justifica em face do carácter amigável das conversações, o qual não se reflecte nas frentes de combate, continuando a ser origem inútil e absurda de mortes.

3 — Cita-se um caso de reinício em Argel das conversações com o PAIGC que foi assinalado por um encontro amigável, entre N.T. e elementos do PAIGC.

4 — Ahamos esta atitude exemplar!

5 — Com o anunciado reinício, em princípios de Julho, das conversações com a Frelimo, propomos que essa data seja assinalada igualmente com a tentativa de encontros fraternais entre N.T. e Guerrilheiros, o que sem dúvida, pressionará a resolução do conflito.

6 — Este movimento quer realçar e fazer ver aos governantes, que esta guerra que sempre achámos injusta, agora mais do que nunca, se apresenta absurda e sem qualquer objectivo, a não ser: «Que hoje se morra,

apenas para que amanhã (até ao incerto termo das negociações) continue a morrer-se» — Gen. Spínola.  
7 — Em face do acima citado, propõe-se:

I — Que no reinício das negociações com a Frelimo, cessem totalmente todas as acções ofensivas, que possam pôr em perigo a vida de militares e não só.

II — Que por todos os meios que as circunstâncias do local permitam, se tente decretar entre os militantes uma PAZ DE FACTO, baseada no reconhecimento da inutilidade da nossa guerra e na justiça dos objectivos globais para o povo africano, proclamados pela Frelimo.

III — Que a partir da data de recepção desta circular seja divulgada às populações a intenção das N.T.

IV — Que apenas se façam acções tendentes ao: Reabastecimento de destacamentos; Defesa de N.T. em perigo; Evacuações; Defesa dos aquartelamentos e vigilância da máxima compostura de todos os militares em relação a outros elementos.

V — Desde já responsabilizamos aqueles que pela morosidade em che-

gar a um cessar fogo, formalmente decretado e aceite por ambas as partes, se situam na origem de mais vítimas da guerra.

VI — Não achamos necessário identificar os outros materiais desta circular só pelas possíveis represálias mas fundamentalmente porque entendemos que é a nós todos (UNIDADES DAS FRENTE DE COMBATE) que a sua autoria deve ser imputada.

VII — O controlo de quaisquer represálias deverá efectuar-se e ser comunicada imediatamente para todas as Unidades da R.M.M., via S.P.M. ou rádio, a fim de suscitar de imediato um movimento de apoio e solidariedade.

FIM IMEDIATO À GUERRA!  
VIVA O M.F.A.!  
CONTRA O COLONIALISMO!  
CONTRA O FASCISMO!  
CONTRA O IMPERIALISMO!

**Nota:** N.T. = Nossas Tropas.  
R. M. M. = Região Militar Moçambique.

### Uma carta do ex-administrador da «Luso-Belga»

Em relação ao artigo por nós publicado sobre a «LUSO-BELGA» recebemos a carta que se segue. Pelo direito ao esclarecimento e à resposta publicamo-la na íntegra. Pensamos que, apesar das possíveis inexactidões dos dados que nos tinham sido fornecidos, os números que agora nos são revelados esclarecem também acerca dos privilégios de determinados estratos sociais.

Ex.<sup>ma</sup> Senhora  
Directora do Jornal «REVOLUÇÃO»  
Rua Gil Vicente, Lote A r/c  
P a r e d e

Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> se digne mandar rectificar o que a respeito do signatário consta da página 5 do vosso semanário de 8 do corrente.

1.º — Geri a Luso-Belga de 1966 a 1973; porém, a partir de Abril de 1971 deixei de intervir na Fabricação, limitando-se a minha acção a assinar toda a documentação por ser a única pessoa que obrigava a firma, isto independentemente de ter a Direcção Administrativa da firma e de acumular a qualidade de técnico de contas desde a reforma fiscal, a pedido do anterior Gerente, por medida de economia.

2.º — De 1948 a 1965, fui Director

## UM COMUNICADO DA C.B.S.

DAS COMISSÕES DE BASE  
SOCIALISTAS (CBS)  
RECEBEMOS O SEGUINTE  
COMUNICADO:

«As Comissões de Base Socialistas abriram sede em Lisboa na Rua da Rosa, 188, 1.º Esq.º, sede que funcionará diariamente das 15 horas às 24 horas.

As CBS, depois de afirmarem oficialmente a sua existência junto do Movimento das Forças Armadas, esperaram a constituição do Governo Provisório para requererem a cedência de instalações apropriadas para a sua sede. Fizeram-no com um ofício dirigido ao Ministro da Administração Interna.

Até hoje este ofício não recebeu qualquer resposta

Possuem pois as CBS a sua sede, em instalações que não foram cedidas pelo Ministério da Administração Interna, e nessa sede esperam a presença de quantos estejam interessados na prática política que as CBS têm desenvolvido desde há um ano e que venham a desenvolver futuramente.

As Comissões de Base Socialistas são uma organização unitária, com uma linha política

autónoma definida e realizada através de um processo de democracia interna (democraticidade das bases). Visa este Movimento enquadrar-se na luta dos trabalhadores pela criação-construção de formas de poder operário e trabalhador e pela Revolução Socialista. As CBS situam a luta anticolonial em que se encontram empenhadas neste mesmo plano geral; assim, travam-na numa perspectiva e numa prática de luta contra a exploração capitalista e contra o imperialismo, pela tomada do poder pelos trabalhadores e pelo internacionalismo proletário.»

### EDITORIAL

Continuação pág. 1

É nestas alturas que se vê quem está por e quem está contra as lutas dos trabalhadores. E não pode haver posições ambíguas. Aos oficiais que se declaram ao lado dos trabalhadores, não era possível estar contra eles. Na prova da verdade, todas as ambiguidades terão de acabar.

A medida que o tempo passa, os campos contrários definir-se-ão mais e há os que ficam de cá e os que ficam de lá. Não é possível estar no meio.

Adjunto da firma, período durante o qual foi gerente o meu colega João Pinto Coelho, marido de uma das sócias, hoje falecidos ambos;

3.º — O meu vencimento de Gerente, pela saída do anterior, era constituído por Esc. 15 000\$00 mensais e por uma gratificação de Gerência anual fixa de Esc. 75 000\$00, igual à do meu antecessor, a levantar segundo as minhas necessidades;

4.º — Em face do exposto, V. Ex.<sup>a</sup> verificará o que há de insidioso e de vil nas afirmações quanto ao montante e à natureza dos meus vencimentos: indica-se muito mais do dobro!

5.º — Quanto ao descalabro, só quero contar uma pequena história: «Um Pai senta-se a meio de uma grande mesa, às cabeceiras da qual senta cada um dos seus dois filhos.

Coloca sobre a mesa uma jarra preta, bojuda, de vidro, em que está pintada uma enorme rosa vermelha, só visível do lado de um deles. Disse então ao outro: descreve-me a jarra. Diz este: é uma jarra preta, bojuda, de vidro. De seguida ao outro: descreve-a tu: é uma jarra preta, bojuda, de vidro, com uma grande rosa vermelha.

Disse-lhes então o Pai: aproveitem a lição e para toda a vida! A jarra é a mesma; vós havei-la descrito diferentemente, convencidos de com verdade, isto porque a estáveis a ver sob ângulos diferentes. Tende muito cuidado, se desejais ser honestos, porque na vida de todos os dias estais sujeitos a situações semelhantes.»

A que vem a história?

Continuação pág. 6

## PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

«É-me oportuno, através do conhecimento directo que possuo dos factos, que número elevado de juizes de direito espalhados pelos diversos tribunais do País — aguardam, acaçapados — o instante propício para recuperarem as posições por eles perdidas, pois vivem ainda convencidos de que o fascismo voltará a Portugal, para de novo voltarem a cometer a mesma monstruosidade de abusos, de crimes e de arbitrariedades que, por falta de inquéritos democraticamente contra eles operados, esses mesmos poderosos e corruptos indivíduos justiciem o Povo, já que firmados nas desumanas leis salazaristas e marcelistas, só lhes interessou defender o alto e pernicioso capitalismo! Não acreditam, com efeito, que o Povo, e desta vez o Povo só, os enterrou definitivamente em 25 de Abril!

Se é certo que no programa do Movimento das Forças Armadas se articulou, entre outras matérias doutrinais, a obrigação de se proceder a um profundo saneamento dos variados sectores da vida pública, saneamento que, na verdade se iniciou nas Forças Armadas, nos delegados e administradores por parte do Estado

em diferentes empresas monopolistas, é bem certo que, até hoje, tal saneamento não se fez ainda na magistratura judicial inoperante, fascista e criminosa!

Com efeito pareceria, verdadeiramente, absurdo que a iniquidade possuísse partidários. Contudo, ainda há na magistratura portuguesa (e tantos são bem conhecidos pela sua formação fascista e sua insuficiência jurídica ou, talvez melhor, autênticos corruptos) juizes que a defendem! Fazem-no, e fizeram-no sempre, nunca utilizando o seu próprio nome, mas sim o da justiça que eles adulteraram e ainda deformam para defenderem a injustiça.

Os crimes cometidos contra o Povo Português durante anos e anos sucessivamente, não foram somente cometidos pela PIDE/DGS, PSP, GNR, Legião Portuguesa (felizmente já extinta), Polícia Judiciária, etc. Atentados contra os direitos sagrados do pensamento, da expressão livre; contra a honra do Povo e sua razão, contra o bem da sociedade trabalhadora oprimida, foram criminosamente cometidos, conscientemente praticados, igualmente, por todos os juizes fascistas que formaram os tribunais

plenários, os tribunais cíveis e judiciais, os tribunais do trabalho e até um elevado número de advogados de formação fascista que, colaborando com o alto capitalismo, muitos crimes obraram e continuam impunes.»

### MAIS UMA ADESÃO

... Eis mais uma adesão à vossa luta. Mais uma adesão à justa luta do proletariado oprimido pela burguesia capitalista. Mais uma adesão à justa luta dos povos das colónias. Mais uma adesão ao desmascaramento da torpe acção reformista e revisionista dos partidos políticos do Governo Provisório. Mais uma adesão: A minha!

Até aqui fui simpatizante do MRPP tendo participado nas manifestações do 1.º de Maio Vermelho, nas manifestações de 3 de Maio no Largo de Santos e que culminou na tentativa de impedimento de um embarque para as colónias na Base Aérea n.º 1, em várias manifestações contra a guerra colonial, nos acontecimentos da Estrela, na manifestação contra a prisão do extraordinário militante que é Saldanha Sanches, mas sempre

debaixo da bandeira do Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado. Contudo, o MRPP embora se oriente para a Revolução Socialista segue uma linha de acção de que discordo em certos pontos nomeadamente no que diz respeito à fomentação de um sectarismo não oportuno no momento presente na esquerda revolucionária. Depois de ler os 4 «Revoluções» já impressos cheguei à conclusão que o P. R. P. se coadunava

melhor com a minha concepção de luta pela Revolução Socialista. Gostaria de colaborar activamente na acção revolucionária do P. R. P. pelo que venho por este contacto oferecer todo o meu ideal revolucionário, todo o meu ardente desejo de que a Revolução Socialista seja um dia uma realidade em Portugal. Sou estudante e tenho 19 anos.

J. M. S. R.

## CAMARADA, ESCRIVE-NOS!

DIRECTOR INTERINO: Isabel do Carmo  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Gil Vicente, lote A, r/c. — PAREDE  
Telefone: 2475051 das 18 às 20 horas

Impressão e Composição:

Mirandela & C.ª — Rua Victor Cordon, 27-1.º — Lisboa

Distribuição

Distribuidora "O Século"  
Rua de "O Século", 41 a 63 — Lisboa



## TRÁS-OS-MONTES: SANEAMENTO DAS CÂMARAS FASCISTAS

Entrevistámos uma delegação de Trás-os-Montes que foi portadora de um abaixo assinado de 2000 assinaturas no sentido de serem saneadas as Câmaras fascistas que subsistem nestas regiões, distantes de Lisboa. Ao entrevistarmos, aproveitámos a ocasião para confrontar idéias com aqueles que neste momento conduzem uma luta mais avançada naquela região. Confirmámos que o objectivo da Revolução Socialista não pode ser aplicado mecanicamente e que se tem de adaptar tacticamente às condições existentes em cada local e em cada época.

Trás-os-Montes, região agrícola, sobretudo com pequena e média propriedade, não é igual a Lisboa ou Porto, regiões fabris onde vive o proletariado industrial.

Constatámos mais uma vez que o problema do socialismo e do comunismo põe-se naturalmente, por consciência de classe, a estes trabalhadores, mas que é um caminho difícil para o camponês pobre da pequena propriedade. Caminho difícil onde quer que se tenha posto, antes e depois da revolução. E, sobretudo naqueles países, como a U.R.S.S., onde a classe operária foi a vanguarda. Menos difícil na China, onde o próprio processo revolucionário, pelo tipo de economia do país, foi desde o princípio uma revolução de camponeses.

Em Portugal, a vanguarda tem sido o proletariado industrial das cidades e o proletariado agrícola do Alentejo, ou outras regiões de latifúndios. O pequeno camponês, reduzido à fome apesar de possuir um pedaço de terra, emigrou para França, para o Canadá. Aqui deixou a família e com ela o seu desejo histórico de comprar um pouco mais de terra, de comprar uma casa se possível. Quando regressa, o emigrante alarga a terra se pode, mesmo se isso significa enterrar o dinheiro de alguns anos entre dois renques de pedras. Este amor à terra está sem dúvida ligado ao conceito de propriedade privada, mas é também uma forma de resistência à tirania dos grandes proprietários. É assim que o entendemos, como entendemos que a Revolução Socialista não é uma verdade abstracta, mas um objectivo a alcançar de acordo com as circunstâncias.

A luta pela Revolução Socialista que se trava nas regiões industriais tem que considerar que há uma aliança necessária com a luta contra o fascismo travada em regiões como Trás-os-Montes.

A Revolução Socialista, que será feita pelo proletariado, arrastará as populações rurais mais recuadas. Será aos camponeses pobres que têm toda a vantagem em se aliarem com o proletariado e que só a economia socialista permitirá que se libertam de cadeias de séculos. Entretanto, o apego à terra, transforma-se em bloqueio à compreensão do socialismo e do comunismo. E fazem da luta anti-fascista o primeiro passo desta região rural. Mas derrubam o fascismo para quê? É isto que perguntamos aos nossos amigos transmontanos, no sentido de aprendermos ambos, eles e nós.

— Quais são os vossos objectivos?

Substituir as actuais câmaras por comissões democráticas. Fazer um rigoroso inquérito às chefias anteriores, porque há suspeitas do uso de dinheiros públicos.

Mas interessa-nos também conhecer a situação económica e social da população. Os que têm pouca terra são muito pobres?

Têm meio hectare. Só não passam muita fome porque os que estão emigrados mandam dinheiro de França. Antes da emigração iam trabalhar para os grandes proprietários.

Como é que a exploração sobre os pobres se exerce?

As grandes famílias têm médicos, advogados e juizes que pelas suas profissões enriquecem. Temos documentos em como um juiz duma grande família fazia chantagem aos réus para lhes arrancar dinheiro. Há gente que faz hipotecas para pagar ao médico ou ao advogado; estas hipotecas transformam-se em venda porque as dívidas vão-se agravando. Muitos aplicam represálias se os trabalhadores não vão trabalhar para as terras deles. A população vive oprimida por grandes famílias de quem depende. Estas famílias enriquecem mais pela falcatura do que pela exploração da terra.

E o que é que as pessoas pensam do socialismo?

Não pensam nada. Não sabem o que é a democracia, não sabem o que é o socialismo, não sabem o que é o comunismo. A única coisa que sabem é que têm medo à família que dominava a terra.

Só sabem o que é o socialismo os funcionários ou as pessoas mais evoluídas.

Mas se se explicar percebem depressa?

Com certeza.

E como vêem os próximos passos a dar?

Primeiro o desmantelamento do fascismo. Depois uma grande campanha de politização.

Sim, mas isso não chega. Qual é o objectivo final?

Não haver lucro sobre o trabalho.

Mas vamos ver como é que isso se pode passar na prática, em Trás-os-Montes. Para não haver lucro sobre o trabalho é preciso que ninguém trabalhe na terra de outrem. Qual é a solução?

A terra a quem trabalha. É quem trabalha, quem se dedica, que tem direito à terra.

Portanto vamos ver qual é a solução. Ou se juntam vários e dividem os lucros, assim uma espécie de cooperativas.

Era um princípio, embora custe a trabalhar em comunidade.

Ou as terras são todas nacionalizadas?

Era recusado!

Mas não podemos esquecer que no socialismo deixa de haver propriedade privada. Portanto quem tem uma terra tem de a entregar.

Impossível em Trás-os-Montes, agora.

Mas como fazer às propriedades onde trabalham, além dos donos, outros homens. Ou se dividem os lucros igualmente por todos, ou se divide a terra.

Era melhor dividir os lucros...

E depois ficava a herança, que não se justificava.

Mas a terra foi ganha com o suor do

trabalho. As pessoas têm muito amor à terra. Querem a terra para os filhos. Se for qualquer de nós a falar-lhes em dar a terra recebem-nos muito mal. Só se for o Governo a impor.

Alargámo-nos numa longa conversa com os nossos amigos, que de há muito adoptaram o socialismo como um objectivo. Mas não é fácil a batalha naquela zona rural. Como não será fácil de aplicar o socialismo, depois da revolução socialista. Em muitas destas regiões a luta começa depois da revolução.

Oprimido por centenas de anos de exploração, o camponês agarra-se ao pedaço de terra que tem e é seu inimigo quem lhe quiser roubar, ou dos seus filhos. É a fome que o leva a emigrar. Em França está transplantado na Renault ou na Citroen, mas sonha regressar, sonha com a sua terra. Desgraçado do regime socialista que se tente impor mecanicamente sem atender a estes factores. É preciso que a prática convença os camponeses pobres de que têm tudo a ganhar com a vida colectiva e que só a aliança com os operários os pode libertar definitivamente dos grandes senhores da terra.

### DOS ARQUIVOS DA P.I.D.E.



A luta dos revolucionários portugueses e africanos não tem fronteiras. Esta verdade não passava despercebida à p.i.d.e. Vemos aqui duas séries de fotografias de identificação, encontradas nos ficheiros da polícia política. Reproduzimo-las para fazer notar o aspecto extremamente jovem de qualquer dos presos, o que mais uma vez nos vem demonstrar que nada era obstáculo para sistemática repressão

### A PROPOSITO DA AUSENCIA DO PCP EM DEBATES PÚBLICOS COM O PRP-BR

Em relação ao colóquio sobre sindicalismo realizado pelo Sindicato de Serviço Social, assim como em relação à Mesa Redonda sobre a lei de Imprensa realizada pelo Rádio Clube Português, o PCP fez uma declaração de não comparência.

Disse que não participava em realizações com organizações com quem não tinha relações e nomeadamente com as que fazem da luta contra o PCP a sua actividade central. Perguntado acerca da presença de cada uma das outras organizações presentes disse aceitá-las, recaído portanto a acusação sobre o PRP-BR.

Na realidade o PRP-BR não participa em realizações com o PCP, mas sim com organizações revolucionárias. Mas bem diferente da realização comum é o confronto ou o debate ideológico. Neste aspecto o PRP-BR está disposto a confrontar-se com quem quer que seja, porque está interessado em debater ideias, e não tem medo de encarar aqueles de quem discorda, e fá-lo com o objectivo de esclarecer o público.

A actividade central do PRP-BR é a luta contra o capitalismo, antes e depois do 25 de Abril, porque considera que, apesar das liberdades conquistadas, a exploração se mantém e cabe aos trabalhadores organizarem-se contra ela.

Mas a luta contra o capitalismo passa por uma crítica às posições que considera reformistas, considerando que estas ajudam a manter o sistema capitalista em Portugal. E fá-lo com a violência com que sempre tem feito, ao longo da história do socialismo no mundo.

Se lermos de ponta a ponta os artigos do órgão do PCP, ou os discursos dos seus responsáveis, nunca falha o ataque àquilo a que apelida «extrema-esquerda», feito em termos que muitas vezes são de denúncia. Mas nem por isso afirmamos que a sua actividade central é o ataque à esquerda revolucionária.

O PCP esquece o nosso passado e a nossa luta contra o fascismo. Que o esqueça vem na lógica da sua actividade, não pode é obrigar os trabalhadores e o público em geral a fazê-lo.

### NEM IDADES NEM FRONTEIRAS





# LUTA DOS TRABALHADORES

## TIMEX:

### A GREVE TERMINOU, MAS A LUTA CONTINUA

A luta dos operários e das operárias da Timex, (fábrica de relógios, de capital americano) é um exemplo de luta revolucionária para todo o proletariado e demais explorados. Não foi uma greve essencialmente económica, mas política. Foi e continua a ser um exemplo de como a classe operária se pode organizar autonomamente sem a intromissão de partidos políticos sejam eles quais forem. Foi uma greve que ultrapassou as marcas das fronteiras e obteve o justo apoio do proletariado além-fronteiras, apesar do silêncio e da chusma de calúnias que os revisionistas de conluio com o patronato tentaram fazer cair sobre os trabalhadores da Timex.

Para sabermos como decorreram os últimos minutos deste greve exemplar procurámos conversar com um elemento da Comissão dos Trabalhadores que começou por nos dizer:

«Das conversações havidas com a Administração com a presença de elementos das Forças Armadas, o nosso caderno reivindicativo não foi totalmente aceite. Assim, as 40 horas não foram aceites e continuamos a fazer as 42 horas e meia; o 13.º mês com salário a 100% foi aceite; a abolição do prémio está em período experimental até ao fim do ano; quanto às reivindicações salariais foi estabelecido um salário mínimo de 4500\$00 e máximo de 7500\$00».

A contra-proposta apresentada pelos representantes do capital yanque e, que em nada corresponde às exigências dos trabalhadores foi feita «através de votação secreta — proposta feita pelos representantes das Forças Armadas — e perdemos por 5% o que é verdadeiramente insignificante. O grande papão foram os salários e foi por isso que as pessoas votaram na contra-proposta, porque se chegava ao fim do mês e as pessoas estavam sem dinheiro».

Mas, dias antes, tinha havido uma Assembleia Geral dos Trabalhadores para apreciar se deviam ou não proceder à venda dos relógios e o camarada da Comissão explica-nos porque é que não se observou essa venda: «A votação foi feita através do braço no ar e foi aprovada por uma escassa maioria, mas a nós Comissão, não nos interessava trabalhar com uma escassa maioria. Assim, abdicámos da venda dos relógios.»

Sobre o pagamento dos dias de greve «a Administração não nos quer pagar o tempo correspondente à greve do zelo e mês de greve total, mas as autoridades oficiais sabem que isto é ilegal e tudo faremos para que nos paguem tanto o período da greve do zelo, como da greve total».

A luta dos corajosos operários e operárias da Timex continua e o mesmo camarada explica-nos das perspectivas futuras: «Ainda ontem tivemos uma reunião com todos os trabalhadores e a grande maioria está

conosco e neste momento estamos já a trabalhar para a formação de grupos de trabalho. Nós Comissão cometemos muitos erros e um dos fundamentais foi o não termos posto mais pessoas a trabalhar. Neste momento estamos a agrupar os vários sectores em grupos e escolhe-se 1, 2 ou mais elementos da Comissão para cada um destes grupos. Assim, todos os trabalhadores participarão activamente na luta e esta, por sua vez, também será mais activa».

Dentro da Timex há um grupo muito minoritário anti-Comissão e com actividades divisionistas e o camarada explica-nos uma das actividades desse grupo minoritário: «Num dos recentes programas da televisão leu-se um comunicado desse grupo minoritário da Timex onde se afirma que a Comissão incita os trabalhadores a não trabalharem e nós fizemos um desmentido, mas não foi lido, a esses mesmos microfones da televisão. Mas não é a primeira vez que tal acontece».

Por iniciativa da Comissão dos trabalhadores da Timex foi lançada a ideia de «UM DIA DE TRABALHO PARA OS TRABALHADORES EM GREVE». É de notar que enquanto os trabalhadores lançam palavras de ordem correctas como esta, os reformistas lançam palavras de ordem totalmente antagónicas aos interesses dos trabalhadores, como a do género «Um dia de trabalho para as Forças Armadas» que nada mais quer dizer do que, se os trabalhadores acedessem a isto só iam contribuir, com o fruto do seu próprio suor, para a sua própria opressão e exploração. O que isto reflecte é nada mais, nada menos do que os interesses de classe de quem lança tais palavras de ordem: Enquanto a primeira está ao serviço do proletariado, dos explorados; a segunda está ao serviço da burguesia, dos exploradores. Por isso, a última deve ser recusada e repudiada por todos os explorados.

Num comunicado à População que abaixo transcrevemos parcialmente, os trabalhadores da Timex fazem referência à sua justa palavra de ordem e o camarada da Comissão explica como tem decorrido: «A ideia partiu da Comissão e, neste momento, já temos contactos com outras fábricas onde está a ser divulgada e tem tido muita aceitação, mas como precisávamos de um órgão oficial para passar um certificado para a recolha de fundos,

é o Sindicato dos Ourives que nos tem apoiado nesta acção, porque é o Sindicato que nos tem sempre apoiado e que tem demonstrado que está do lado dos trabalhadores».

Já há tempos numa conversa havida entre alguns elementos do nosso jornal com alguns operários da Timex, estes denunciaram o ridículo, o oportunismo de alguns que tudo dizem «controlar», que tudo dizem «conduzir», que dizem «saudar o movi-

mento grevista, marchar resolutamente à sua frente e dirigi-lo, como faz o MRPP», que se auto-intitulam «a vanguarda da classe operária», mas que de facto não passa de megalomania desses oportunistas.

Assim, e neste caso, temos o MRPP que no n.º 20 do «Luta Popular» afirmava: «...os trabalhadores da Timex, com o proletariado à frente, seguindo a justa linha política do nosso Movimento...» Quando os operários da Timex tiveram conhecimento do que se dizia no «Luta Popular» sobre a sua greve exemplar, estes indignamente protestaram contra tal calúnia e tal oportunismo, mas, ao mesmo tempo, tal falsidade criou uma certa clivagem entre alguns operários que começaram a desconfiar que alguns se pudessem aproveitar da sua luta em benefício de partidos, partidinhos ou de movimentos.

Agora procuramos informarmo-nos

## EM FRENTE NA CAMPANHA DOS TRABALHADORES EM GREVE!

sobre o assunto e o camarada da Comissão explicou-nos: «Desde o início que ficou decidido que não íamos contactar com qualquer partido político. Existe um grupo que se intitula «Comité de Auxílio à luta da Timex» que fazem parte de um partido, mas não sabemos de qual. O que foi dito no «Luta Popular» criou de facto clivagens entre os operários, pois pensavam que a Comissão estava a ser pressionada por partidos políticos. Mas devemos dizer que não admitimos intromissões na nossa luta».

Estes factos mostram-nos que a classe operária deve reforçar a sua vigilância revolucionária contra todas as manobras, venham elas do patronato, dos revisionistas ou de outros que com o seu oportunismo e actividades divisionistas só contribuem para a desunião da classe operária.

O que se segue são extractos de um Comunicado à População dos trabalhadores da Timex onde denunciam as condições de trabalho sobre-humanas a que os operários e operárias estão sujeitos em prol do capital e todas as manobras deste para dividir os trabalhadores; denunciam as manobras de outros sectores que caluniando os trabalhadores e a sua justa luta, estão objectivamente ao serviço do capital como acontece com os revisionistas do PCP e sociais-democratas do PS; como os reformistas pretendem mostrar que o actual movimento grevista provoca o «caos económico», os trabalhadores da Timex mostram que enquanto houver classes não pode haver «paz social» e, que as greves provocam o «caos económico» é o caos dos capitalistas e não dos explorados; finalmente apela-se

para que todos os explorados contribuam para a campanha de «UM DIA DE TRABALHO PARA OS TRABALHADORES EM GREVE».

1 — (...)A Fábrica da «TIMEX» é parte duma enorme e brutal rede de exploração e dominação montada em muitas partes do mundo pelo capital imperialista americano. Este não olha a meios para conseguir os seus objectivos, que são extrair dos trabalhadores, principalmente da classe operária, o máximo de lucros, com máximo de esforço dos explorados, através de métodos desumanos; justas condições de trabalho, necessidades económicas, boas relações humanas, tudo isso é desconhecido pelos exploradores. Estes só conhecem uma coisa: O LUCRO. É contra estas condições que nós nos levantamos. Exactamente contra 45 horas semanais, exigindo 40 horas, pois sendo a população trabalhadora na maioria bastante jovem, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos e trabalhando durante 9 horas sentadas, em cadeiras de madeira, debaixo de luz fluorescente, usando

Em relação às nossas reivindicações a Administração não apresentou uma contra-proposta satisfatória, tem feito diversas manobras em que pretende divisão dos trabalhadores e impediu o prosseguimento normal das negociações (...).

Depois de se ter aberto o processo de luta na sua fase mais recente, ou seja desde o início de Maio, os trabalhadores da TIMEX, com a classe operária à frente, têm lutado de diversas formas contra a Administração que mantém a sua atitude inflexível, da mesma forma que têm lutado contra o isolamento em que nos querem lançar. Boatos, manobras divisionistas, ameaças, tudo tem sido utilizado contra nós, que apenas resistimos devido à nossa formidável unidade.

2 — O País atravessa uma fase de lutas duríssimas entre explorados e exploradores.

A burguesia continua a dominar o Povo, a tentar enganá-lo, a manobrar contra ele. O capital, pretende ainda ser dono e senhor dos nossos destinos. É contra isso que devemos lutar. Desde que a sociedade se dividiu em classes, existe a luta de classes. As classes dominantes têm tudo: capital, escolas, fábricas, imprensa, etc. O Povo nada tem, a não ser a sua própria força de trabalho.

Contra isso se levanta o Povo, que levará a luta de classes até às últimas consequências, até conquistar a verdadeira liberdade, que só é possível quando deixar de haver explorados e exploradores.

3 — A classe verdadeiramente capaz de conduzir esta luta até ao fim é a classe operária, pois essa não tem nada a perder a não ser as cadeias que a oprimem. A LIBERDADE, só pode resultar da actuação dessa classe, que juntamente com o povo explorado derrubará a burguesia e construirá a verdadeira democracia.

4 — É para os elementos dessa classe, como para os camponeses, a quem interessa todas as lutas do Povo Português, e para todos os verdadeiros progressistas, que nós apelamos.

Camaradas: na TIMEX, como noutros lados dá-se neste momento mais um passo no avanço formidável dos explorados do nosso País.

Chamamos a vossa atenção para a situação presente e daqui, bem do seio da luta, apelamos para:

**UM DIA DE TRABALHO PARA OS TRABALHADORES EM GREVE** através do qual todos podemos mostrar que sabemos ser solidários e defender as justas lutas dos explorados, em actos e não só em palavras.



# A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES



# TRABALHADORES EM LUTA

## TAP: DESMASCARAR DE UM PROCESSO

«A "nova" TAP está atenta à movimentação de elementos da sua ex-administração» — podia-se ler nas colunas do jornal diário a «República» do dia 18 de Junho, num artigo da autoria dos novos administradores Lourenço, Duarte Soares e Alves, que escreviam em nome da massa trabalhadora da TAP.

Contudo a verdade será mais completa se afirmarmos que a «TAP viva» sempre esteve e estará atenciosíssima às manobras do capital e dos seus representantes.

— À «TAP viva» não passou despercebida a forma oportunista como três elementos da sua classe trabalhadora se agruparam numa Comissão Administrativa, mercê de uma assembleia precipitada realizada no Coliseu dos Recreios no dia 5 de Maio de 1974, onde aconteceu igualmente uma votação não menos precipitada respeitante a uma certa auto-candidatura de «elementos» que compunham a mesa. Antecedeu este processo, a apresentação à J.S.N. dum caderno reivindicativo provindo da actual Comissão Sindical, onde militavam os actuais administradores Lourenço e Duarte Soares. São de notar os princípios de cúpula que orientaram a elaboração deste caderno, desprezando por consequência, todo um debate nas bases.

— À «TAP viva» não passou despercebida, igualmente, a atitude da J.S.N. que contribuiu para alimentar a confusão acerca dos conceitos de autogestão — pseudo autogestão — patentes no caderno entregue, seleccionando dentro dos quadros do pessoal TAP os restantes quatro elementos para a actual Comissão Administrativa, quatro elementos todos militares e cujos vencimentos são suficientemente claros: 42 650\$00, 52 450\$00, 42 000\$00 e 37 450\$00, respectivamente tenente-coronel Araújo Afonso, tenente-coronel Almeida Reis, Gonçalves Damásio e coronel Moura Pinto.

— À «TAP viva» não passou despercebido o processo de auto-aumentos utilizado pela presente Comissão Administrativa. Podemos resumir esse processo num pequeno quadro bastante esclarecedor.

Comissão Administrativa	Vencimento em 8/5/74	Vencimento em 8/6/74
Coronel Moura Pinto ... ..	37 450\$00	52 650\$00
Tenente-coronel Araújo Afonso ... ..	42 650\$00	52 650\$00
Tenente-coronel Almeida Reis ... ..	52 450\$00	52 650\$00
Tenente-coronel Gonçalves Damásio ... ..	42 000\$00	52 650\$00
Carlos Augusto N. Alves ... ..	10 500\$00	52 650\$00
José M. Duarte Soares ... ..	52 650\$00	52 650\$00
José Nunes Lourenço ... ..	7 850\$00	52 650\$00

Aumentos processados com carácter urgentíssimo, talvez prevendo o actual congelamento de salários acima de determinado nível. É de realçar o facto de em trinta dias um dos elementos da actual Comissão Administrativa (ex-presidente sindical!) ter

beneficiado dum aumento salarial a 600%.

— À «TAP viva» não passou despercebida a preocupação da actual Comissão Administrativa em criar um órgão, a que chamaram Conselho de Trabalhadores, com toda uma actividade de carácter consultivo, programada e orientada para servir os verdadeiros interesses do capital. Órgão que por si só, permite ao capital controlar toda a massa trabalhadora da TAP.

O Conselho de Trabalhadores tem sido um órgão mandatário da Comissão Administrativa no seu trabalho de manter e aperfeiçoar todos os métodos preconizados pelo capitalismo monopolista que vigora na TAP, métodos esses que terão sempre um so fim, a máxima exploração dos trabalhadores para a máxima rentabilidade do capital. Mas há mais, o actual Conselho de Trabalhadores constitui igualmente um autêntico «escudo de protecção» para a Comissão Administrativa quando esta exige que aquele órgão de trabalhadores tome decisões em relação a conflitos entre capital-trabalho.

Este facto esteve bem patente no grave acontecimento do passado dia 21/6/74, em que a Comissão Administrativa convocou para uma Assembleia Magna o Conselho de Trabalhadores assim como todos os trabalhadores da TAP da área de Lisboa, com o fim de debaterem e tomarem decisões em relação ao caso da «greve da escala de Luanda» feitos sobretudo por trabalhadores africanos. Aqui, foi a maioria da classe trabalhadora TAP manipulada a aprovar resoluções que tinham sido, horas antes, preparadas em reunião de elementos da Comissão Administrativa com «coordenadores» do Conselho de Trabalhadores. Mas toda esta preparação prévia por si só não bastou, foi necessário uma condução tendenciosa da referida Assembleia Magna.

### Pergunta-se:

1 — Os trabalhadores que constituem o actual Conselho de Trabalhadores da TAP terão já tomado consciência que estão a ser usados como arma divisionista da classe traba-

lhadora da TAP?

2 — Será um Conselho de Trabalhadores que irá decidir num conflito entre capital-trabalho?

3 — Terão os trabalhadores bem presente as implicações colonialistas, ao tomarem posições em relação ao

«caso de Luanda»?

4 — Será lógica a existência dum Conselho de Trabalhadores a funcionar nos moldes actuais?

— À «TAP viva» não passou despercebido o facto de a Comissão

## MOTORISTAS DE PESADOS E LIGEIOS

No dia 26 manifestaram-se algumas dezenas de trabalhadores deste sector em frente do Ministério do Trabalho. Estava presente um reduzido número, dos 50 mil trabalhadores do sector, porque «O Sindicato não nos informou da hora e do dia desta reunião, em contrário ao que tinha sido estabelecido numa Assembleia Geral de trabalhadores» — explica-nos um deles.

«Nós estamos aqui para reivindicar melhores salários, quer dizer, salários dignos. Os nossos salários actuais variam entre 900 e 1500 escudos mensais e, numa reunião havida com o nosso Sindicato — o dos Motoristas — propusemos 7500 escudos para os motoristas de ligeiros e 8000 para os motoristas de pesados».

— Mas de acordo com o salário mínimo oficial estipulado em 3300 escudos, acham que o Grémio e o Ministério vão satisfazer a vossa justa satisfação salarial? — perguntámos.

«Isso do salário de 3300 escudos não nos interessa. O que sabemos é que não podemos continuar a viver com salários de fome. E as pessoas não pensem que estamos a exigir o impossível, porque os empresários podem pagar o que exigimos».

— Têm informações sobre o desenrolar das conversações entre o vosso Sindicato, Grémio e Ministério do Trabalho?

«O Grémio propôs 5000 escudos para os motoristas de pequeno-curso e 6000 para os de longo-curso. O Sindicato não aceitou e propôs um salário unificado de 7000 escudos para toda a classe».

— Mas se as vossas reivindicações não forem satisfeitas, pensam recorrer à greve?

«Neste momento não pensamos na greve como forma de pressão sobre os empresários, mas exigimos que eles abdicem um pouco dos seus lucros fabulosos e mesmo assim ainda ficam com lucros elevados».

— Têm alguma espécie de subsidio, além do vosso ordenado?

«Alguns trabalhadores nada têm. Eu, por exemplo, tenho um subsidio diário de 30 escudos, mas ainda hoje almocei — se é que posso dizer que almocei — por 40. Mas nem todas as empresas nos dão tal subsidio».

— Como é que funciona esse problema de raio de 30, 50 km, etc.?

«Ah! Isso não é connosco. É um problema dos empresários».

— Por vezes ouve-se dizer que é

Administrativa não admitir a existência de Delegados Sindicais na empresa, notificando, desta deliberação, a Comissão Sindical em carta recebida por esta em 19/6/74, alegando ser aquela composta por trabalhadores da TAP que estariam ali para zelar pelos interesses dos trabalhadores.

### Pergunta-se:

Sendo a TAP uma empresa capitalista, sendo a actual Comissão Administrativa composta por «trabalhadores» que estão empenhados «na defesa dos interesses dos trabalhadores», então quem defenderá os interesses do capital?!!

— À «TAP viva» não pode passar despercebido o facto de nas estruturas da empresa continuar a existir nesta data um autêntico corpo repressivo, constituído por elementos de indole fascista que não foram atingidos pelo «saneamento» levado a efeito pela Comissão Administrativa, «suspendendo» apenas, quatro dos seus directores.

Aqui é de notar a falta de cumprimento do ponto 3 do Caderno reivindicativo apresentado à Junta de Salvação Nacional... «3 — O saneamento imediato dos quadros de chefia impostos pela actual Administração, mediante decisão da Assembleia Geral dos Trabalhadores da empresa».

O ponto 4 do referido caderno está a ser, igualmente deturpado... «4 — O estabelecimento imediato do princípio da nomeação para cargos de chefia, por processo eleitoral dos trabalhadores directamente envolvidos por essa chefia». Ora, este ponto implica logicamente um debate e uma decisão das bases, no entanto não é essa a linha da actual Comissão Administrativa ao aplicar uma política igualmente de cúpula neste campo, ao regulamentar e condicionar às suas próprias decisões, as nomeações de futuros chefes, como foi comunicado pelo presidente coronel Moura Pinto no segundo Plenário do Conselho de Trabalhadores, dia 14 de Junho, num «brilhante monólogo» à classe.

— À «TAP viva» não passa despercebido o facto de os sequazes do capital escreverem para os jornais em nome da classe trabalhadora, fazendo a apologia de si próprios! Convém notar que para esta decisão, de tal ordem abusiva, a Comissão Administrativa não consultou nenhuma Assembleia de trabalhadores. Não, aqui o capital mostrou a sua verdadeira faceta ditatorial.

— À «TAP viva» não tem passado despercebida a forma demagógica, reformista e por vezes até ofensiva

(cont. na pág. 6)

(cont. na pág. 6)

## Campanha de apoio aos trabalhadores em greve

Esta campanha será orientada por uma Comissão Coordenadora instalada na fábrica da TMX Portugal, Ltd., composta por membros da Comissão de trabalhadores da TIMEX e apoiada pelo Sindicato dos Ourives, Relojoeiros e Ofícios Correlativos de Lisboa.

Para a recolha de fundos, serão passadas credenciais, que, devido às dificuldades inultrapassáveis neste momento, terão o selo branco daquele Sindicato.

As credenciais poderão ser pedidas

na nossa fábrica ou na sede do Sindicato acima citado, situado na Travessa da Glória, n.º 18, 3.º em Lisboa, das 9 horas às 18 horas.

NOTA: Esta campanha, se bem que organizada na TIMEX, não se destina apenas a apoiar os trabalhadores da TIMEX, mas quaisquer outros que estejam em situação semelhante à nossa.

EM FRENTE NA CAMPANHA DOS TRABALHADORES EM GREVE.

# É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES



# Entrevista com a Organização "Comunista Farbundet"

Continuação pág. 7

sociedade onde ninguém trabalha apenas em actividades intelectuais ou manuais mas sim em ambas.

Também não acreditamos no trabalho sindical visto os Sindicatos estarem completamente integrados no regime capitalista. A sua função primordial é vender o trabalho dos trabalhadores tão caro quanto possível — e, muitas vezes nem mesmo isso.

Os Sindicatos Suecos estão completamente condicionados devido a diversas «leis de classe». Há, por exemplo, um acordo entre a Central Sindical e os patrões que assegura a «paz» durante o curto prazo de negociações em que se decidem os salários. Isto quer dizer que o direito à greve praticamente não existe. Todas as greves são selvagens.

Os Sindicatos Suecos são completamente controlados pelos socialistas-democratas no Governo o que os põem numa posição de cumplicidade com o sistema capitalista.

Actualmente estamos também a desenvolver um trabalho nas áreas de habitação, entre a juventude e nos quartéis. Estes tornam-se mais importantes num estágio mais desenvolvido da luta quando o problema de esmagar a burguesia se tornar uma realidade.

## MOTORISTAS DE Pesados e Ligeiros

Continuação pág. 5

reivindicações salariais, desde as 4 da tarde.

Se somos capazes de nos mantermos 6, 7, 8, ou mais horas em frente do Ministério à espera da resolução burocrática dos nossos problemas, somos capazes de muito mais e de avançarmos quantitativa e qualitativamente nas nossas justas reivindicações. Mas não nos deixemos seduzir pelas promessas das sereias encantadas nos Ministérios Capitalistas e pelas satisfações que o patronato seja obrigado a fazer às nossas justas reivindicações que mais não servem do que vivermos menos mal durante algum tempo. Temos que nos consciencializar que a nossa condição de explorados só termina quando marcharmos resolutamente pela revolução socialista com a tomada do poder pelos próprios trabalhadores.

## TAP

Continuação pág. 5

como o presidente da Comissão Administrativa se dirige à classe trabalhadora da TAP, adormecendo-a e reprimindo-a nas suas já famigeradas «Conversas no refeitório».

Assistimos a um constante evoluir dos processos exploradores e opressores do capital. Na prática a TAP, é sem dúvida um notável exemplo dessa evolução da exploração capitalista.

A astúcia de processos utilizados, o meio reaccionário em si dada a composição pequeno-burguesa de grande número de trabalhadores da TAP, o revisionismo traído que procura formas de penetração na classe através de objectivos cada vez mais reformistas, utilizando métodos cupulistas e declaradamente colaboracionistas, são sem dúvida os principais factores que têm travado toda a luta dos trabalhadores.

Um grupo da TAP

«Revolução» — Vocês que tal como nós dão tanta importância à organização dos trabalhadores, falem-nos das greves na Suécia.

C. F. — Durante um longo período registaram-se poucas greves na Suécia. Os trabalhadores têm sido reprimidos pelo «acordo de paz» uma vez que se fizerem greve são chamados a tribunal e sempre condenados. Presentemente o respeito pela «lei de classe» desapareceu.

As negociações deste ano entre os capitalistas e os sindicatos deu aos trabalhadores suecos o pior contrato salarial dos últimos anos.

De facto este ano o salário líquido é inferior ao dos anos antecedentes, o que causou uma vaga de greves selvagens na Suécia, mas que proporcionou aos trabalhadores que nelas tomaram parte uma experiência muito importante.

«Revolução» — E há repressão em consequência?

C. F. — A subtil política repressiva que se tem escondido na Suécia começa agora a revelar-se. Dois jornalistas foram presos por terem revelado como funciona a Organização Intelligentzia Sueca (IB) e como regista todas as actividades da Extrema Esquerda, etc.

Recentemente três camaradas nossos foram condenados por provocarem agitação no Exército. Presentemente registam-se muito outros exemplos semelhantes.

«Revolução» — Qual o papel da social-democracia na Suécia?

C. F. — Na Suécia os socialistas-democratas ao mesmo tempo que responsáveis pela Sociedade capitalista tentam reformar o capitalismo. Necessitam dum capitalismo eficiente, com elevados lucros para que os trabalhadores possam obter salários mais elevados e se mantenham calados. A política dos socialistas-democratas aponta sobretudo o monopólio capitalista. O Estado e o Capital encontram-se assim intimamente ligados.

Esta política foi bem sucedida enquanto a Suécia teve uma economia em expansão, desde a 2.ª Guerra Mundial até aos anos 60, contudo hoje em dia é diferente. Eles já não conseguem subornar os trabalhadores com dinheiro; em vez disso, experi-

mentam as tão conhecidas «reformas» onde tentam incorporar os trabalhadores dando-lhes parte da responsabilidade, alimentando assim a sociedade capitalista. Dizem, por exemplo, que dão aos trabalhadores «influência» nas fábricas quando na realidade os trabalhadores se tornam reféns nas mãos dos patrões. O mais significativo para os socialistas-democratas é a cooperação entre as classes o que tem enfraquecido a consciência de classe entre os trabalhadores. Os socialistas-democratas suecos afastaram desde há muito mesmo a demagogia de falar em socialismo. Já não falam em socialismo.

«Revolução» — Mas há outros países em que falam. O que é que vocês pensam?

C. F. — O carácter dos socialistas-democratas é mais ou menos o mesmo em todo o lado mas raramente tão desenvolvido como na Suécia. Cremos ser possível haver alguma cooperação, em determinados países, com os socialistas-democratas, como, por exemplo, na luta contra o fascismo mas nunca devemos esquecer o seu carácter real.

Na Suécia os socialistas-democratas são o nosso principal inimigo táctico; noutros países contudo, poderão ser aliados, mas em condições muito especiais.

«Revolução» — Para alguns Chile e Portugal estão entre os países em que essa aliança é feita.

C. F. — No Chile, por exemplo, o Governo de Unidade Popular tinha um significado enorme para a classe trabalhadora e a luta desenvolveu-se como nunca tinha acontecido até àquela data. Mas, a Unidade Popular era boa para os trabalhadores apenas até determinada altura tendo-se então tornado um limite e o Chile mostrou assim quão impraticável é o sistema reformista.

Portugal hoje em dia assemelha-se ao reformismo. Eles talvez se considerem socialistas ou comunistas mas têm como tarefa principal esmagar a

luta dos trabalhadores pela sua independência. Aceitam a responsabilidade (tornam-se os responsáveis) pela sociedade actual.

«Revolução» — Como encaram vo-

## Uma carta da "Luso-Belga"

Continuação pág. 2

A Luso-Belga, que servi durante quase 26 anos, é uma média empresa, a mais antiga do País no género, cheia de tradições, com grande nome na praça, que durante os anos em que a servi tinha o maior apoio dos seus fornecedores e a maior estima dos seus clientes. Porém, a sua maquinaria de base era muito antiga e só à custa de muito pessoal era possível fazê-la andar. Com o seu capital próprio era impossível modernizá-la, além do que foi feito. Mesmo de máquinas subsidiárias estava carecida, mas só com o recurso a capitais emprestados a longo prazo, era possível remediar a situação. O signatário viu isto e falou várias vezes no assunto a quem de direito, sem nunca ser ouvido. Portanto: Quem tão levemente se refere à acção do signatário, está vendo o lado «negro» da jarra não tendo tido o elementar cuidado de analisar a situação ou de pedir esclarecimentos para não cair em erro de juízo.

6.º — A resolução sobre o assunto

da indemnização está afecta às entidades competentes e não é passível de considerações que nos levem de novo à história da jarra.

7.º — Se estiver no espírito de V. Ex.ª, peço-lhe que encabece este esclarecimento sob a rubrica:

«Um escudo de comissão por cada par de calçado, não!»  
que situação seria a minha se ao dar ordem de fabrico de calçado, muito do qual tinha de ir para stock, o pessoal pudesse pensar que eu estava a tratar de um assunto que me dissesse directamente respeito? Isto não tem mesmo «calçado» nem cabeça!

Desculpe estas mal alinhavadas linhas, mas quem lhe escreve foi educado a não distinguir entre a mentira descarada para prejudicar alguém e o furto da carteira do próximo. Aos 63 anos de idade é tarde para mudar!

Com o maior respeito e os meus cumprimentos, me subscrevo,

De V. Ex.ª Ruy Pires Branco

Mt.º Atenciosamente,

cês a situação de Portugal e das colónias em relação ao Imperialismo?

C. F. — O que aconteceu em Portugal traduz duma forma bastante nítida as estritas relações entre a luta revolucionária em todos os países. As lutas de libertação de África aceleraram também a libertação de Portugal.

A Comunista Forbundet dá uma

grande importância ao Internacionalismo Proletário. É a única forma de derrotar o imperialismo e a organização internacional do capitalismo.

Devemos simultaneamente cortar os tentáculos ao polvo enquanto lhe espetamos uma faca no coração.

Especialmente nos países imperialistas é muito difícil imaginar a revolução apenas num país.

## FUNÇÃO DA ESCOLA NA SOCIEDADE

Do programa «Poder» das Escolas — lista B — do Sindicato dos Professores, transcrevemos:

É impossível transformar radicalmente a escola sem modificar radicalmente as relações sociais em que ela se inscreve.

No entanto, a escola, desde que posta ao serviço das classes trabalhadoras, será também agente de transformação da própria sociedade. É, pois, urgente uma reestruturação do ensino, o que não significa introduzir nele pequenas alterações e adaptações de pormenor. Essa reestruturação, urgente, mas que não pode ser improvisada, começa pela crítica à função da escola e pela definição dos seus objectivos.

A escola em Portugal tem funcionado como sustentáculo ideológico da sociedade burguesa.

Assim, vem ela contribuindo para manter um sistema fortemente hierarquizado e compartimentado através da preparação de:

a) uma massa de trabalhadores destinados a constituírem meros agentes de produção, perpetuando uma sociedade dividida em classes;

b) uma minoria de técnicos que permitam o enquadramento dessa força de trabalho e são os agentes de domínio e exploração da classe burguesa sobre as massas produtoras.

VISANDO ESTES OBJECTIVOS FUNDAMENTAIS, o sistema organiza-se recorrendo nomeadamente a:

A — intensa selectividade, funcionando sob formas várias e a níveis progressivos;

B — conteúdos de ensino que são instrumentos de difusão da ideologia burguesa dominante;

C — estruturas escolares e métodos pedagógicos que geram formas de comportamento passivo e a crítico.

A — A intensa SELECTIVIDADE é desde logo denunciada pelo mapa da rede escolar, a qual, por ser subsidiária das necessidades da produção, se rarifica fora das zonas industrializadas. Assim às populações rurais é praticamente vedado o acesso à escolaridade secundária, quando não básica. Os próprios centros urbanos, exceptuando Lisboa, Porto e Coimbra, são profundamente afectados pelo isolamento e abandono a que são votadas as suas escolas, o que vai da ausência de meios técnicos às dificuldades de preparação dos professores.

## As novas "conversas em família"

Continuação pág. 1

trário integram-se na estratégia dos monopólios imperialistas que os controlam em associação com os capitais privados ou públicos locais. À criação de uma indústria, presidem interesses externos e interesses de classe locais, e não interesses favoráveis ao desenvolvimento equilibrado da economia.

É através de uma política extraordinariamente repressiva, de uma sobre-exploração das classes traba-

Para lá da discriminação sócio-económica, uma gritante desigualdade de oportunidades preside a toda a política educativa:

1 — pela inexistência de ensino pré-primário oficial, o que discrimina, desde a base, quanto à preparação, as crianças pertencentes à classe burguesa e as pertencentes às classes trabalhadoras.

2 — pelas deficientes condições do ensino primário oficial, a que os filhos da burguesia se subtraem, ingressando na rede paralela do ensino particular.

3 — pela natureza do ensino preparatório — cuja aparente e proclamada feição «democrática» esconde a necessidade de alargar a base de recrutamento técnico, sentida pelo próprio sistema capitalista industrial.

De facto, — pelo desequilíbrio de preparação que trazem à partida,

— pela necessidade de apoio numa educação paralela extra-escolar que corrija ou complemente as deficiências do ensino oficial, só a **minoría burguesa** terá a possibilidade de ascender ao ensino liceal, privilegiado, sendo a **restante massa escolar** canalizada para as actividades profissionais, eventualmente mais qualificada após a passagem pelo ensino técnico.

4 — ao nível secundário, pelo desenvolvimento de objectivos entre o ensino técnico e liceal, visando:

— o primeiro, sobretudo a formação de trabalhadores especializados;

— e o segundo, a qualificação de quadros médios, ou ainda o acesso à universidade.

Mais uma vez, esta clivagem pedagógica traduz uma clivagem sócio-económica.

5 — pela restrição do acesso à universidade a uma minoria burguesa, filtrada através dos anteriores mecanismos selectivos e destinada à formação de quadros superiores e de docentes. Dos primeiros, exige-se que vão gerir o desenvolvimento das forças produtivas, **mas sem alterarem as relações de produção**; dos segundos, que garantam a manutenção do sistema.

Em suma, todo este sistema de filtragem assegurará a chegada ao topo directivo dos indivíduos que emanam da ou servem a classe burguesa e a canalização dos restantes elementos para os vários ramos da produção, consoante as necessidades desta (...).

briladoras brasileiras — a partir de 1964, a classe operária perdeu 40% do seu poder de compra; e segundo McNamara se em 1960, 40% dos

brasileiros mais pobres tinham 10% do rendimento nacional, em 1970 não têm mais que 8% — «Le Monde Diplomatique» — 72 — que se realiza o chamado «milagre» económico brasileiro.



## “SOCIALISMO” NA SUÉCIA

«Revolução» — Quais são as vossas relações com a Esquerda Sueca?

C. F. — Durante décadas não existiu na Suécia um Partido Comunista revolucionário mas apenas o Partido Comunista Sueco, reformista, hoje conhecido pelo VPK. Cerca de 1965 surgiram novos movimentos de esquerda com ambições revolucionárias, em simultâneo com o Movimento Vietnamita (Estudantes).

Por volta de 1970 começou então a agitação; 5000 mineiros, no Norte, estiveram em greve durante aproximadamente um mês e, numa série de outros lugares os trabalhadores iniciaram também a sua luta.

É assim que a Esquerda se vê ultrapassada pelos trabalhadores, o que veio demonstrar a impossibili-

dade das organizações da esquerda suecas participarem na luta dos trabalhadores quando não tinham bases na classe trabalhadora. O que se passou levou a uma separação definitiva entre os reformistas e os revolucionários.

A Organização Comunista Forbundet foi criada como resposta à incapacidade da Esquerda. De início a nossa tarefa principal era um activismo teórico do Reformismo, do Stalinismo e do Trotskismo. No entanto, hoje em dia, a situação é diferente.

Concentramo-nos nas fábricas para aí participarmos e para desenvolvermos o começo da luta entre os trabalhadores dando-lhes perspectivas revolucionárias.

Além de nós a Esquerda Sueca é composta por:

- o Partido Reformista VPK, em maioria;
- um outro Partido Reformista, o SKP, de origem maoísta, mas minoritário.

Há ainda duas outras organizações com certa importância que se poderiam chamar revolucionárias:

- RMF (trotskistas);
- KFML(R) (stalinistas e muito sectários).

Cooperamos com estas organizações em determinadas actividades muito embora as diferenças ideoló-

## Entrevista com a Organização “Comunista Forbundet”

gicas entre nós sejam enormes mesmo nos pontos de vista sobre socialismo, relações entre o partido e as massas, etc.

«Revolução» — Como é que vocês concebem a relação entre o Partido e as Massas?

C. F. — A Comunista Forbundet integra-se na política comunista de massas. O Partido é um movimento dentro da classe, uma vanguarda portadora do socialismo científico. O Partido tem uma visão total da transformação revolucionária da sociedade, organiza os trabalhadores mais conscientes. O Partido deve estar entre as massas e aprender através das massas.

Não vemos o desenvolvimento do Partido como sendo o alvo mais importante. O progresso mais importante na luta de classes é «enriquecer as posições da classe trabalhadora» lutando contra os mecanismos separatistas dentro da classe trabalhadora. É impossível construir um verdadeiro partido revolucionário sem a existência duma luta desenvolvida nas massas. Por outro lado, sem haver um Partido Comunista corre-se o risco da luta de massas não obter uma perspectiva total da revolução.

Não queremos a ditadura do Partido mas sim a Ditadura do Proletariado. São os «soviets», a própria organização da classe trabalhadora, que deverão constituir o suporte do Estado na Sociedade Socialista.

«Revolução» — Para atingir o objectivo da Revolução Socialista qual é a vossa tática?

C. F. — Presentemente o factor mais importante para nós é a luta das fábricas.

A Comunista Forbundet tem presentemente três funções estratégicas:

a) Desenvolver a luta e a organização independentes da classe trabalhadora;

b) Transmitir a base ideológica para a unidade dos trabalhadores e lutar contra os mecanismos divisionistas da produção;

c) Desenvolver e organizar uma vanguarda comunista com raízes profundas na luta da classe trabalhadora.

Para completar o exposto damos prioridade absoluta ao trabalho a desenvolver nas fábricas. Tomamos parte na organização dos Comitês de Trabalhadores, tentamos criar novas estruturas de decisão que quebrem a passividade e destruam o respeito pelo sistema. É muito importante também lutar contra um sistema salarial que obriga os trabalhadores a competirem uns com os outros.

Lutamos ainda contra a instituição dos encarregados de fábrica provando que são completamente desnecessários — excepto para os capitalistas que nos controlam. Lutamos ainda para termos controlo sobre a nossa própria velocidade de trabalho.

Vamos também iniciar uma luta contra a divisão do trabalho e a especialização. Isto aponta para uma

(cont. na pág. 6)

Continuação pág. 8

## LUTAR PARA APRENDER, APRENDER PARA LUTAR



Um jovem guerrilheiro da FRELIMO lê enquanto espera. A instrução e a teoria são uma arma na mão dos trabalhadores

## LENINE

não compreendem e que explica a sua cegueira teórica, que os torna prisioneiros dos preconceitos burgueses, e constitui a sua traição política em relação ao proletariado, é que, na sociedade capitalista, quando se acentua a luta de classes que está na sua base, não há meio termo entre a ditadura da burguesia e a ditadura do proletariado. Todo o sonho de uma terceira via não passa de uma lamentação reaccionária de pequeno-burgueses. A prova disso é a experiência do desenvolvimento da democracia burguesa e do movimento operário desde há mais de um século em todos os países evoluídos, em especial, a experiência dos últimos cinco anos. É precisamente o que demonstram, quer a ciência da economia política quer o conteúdo do marxismo que explica também a necessidade da ditadura da burguesia em toda a economia mercantil e como ela só pode ser substituída por uma classe desenvolvida, multiplicada, cimentada, reforçada pela evolução do próprio capitalismo, isto é, a classe dos proletários.

13. Um outro erro político e teórico dos socialistas consiste em não compreender que as formas da democracia mudam, necessariamente, através dos séculos, à medida que as

classes dominantes se sucedem umas às outras.

Nas repúblicas da antiga Grécia, nas cidades da Idade Média, nos países capitalistas evoluídos, a democracia reveste formas diversas e um grau de adaptação diferente.

Seria perfeitamente absurdo pensar que a revolução mais profunda que se operou na história da humanidade — a passagem do poder, pela primeira vez no mundo, das mãos da minoria dos exploradores para as da maioria dos explorados — possa efectuar-se nos velhos moldes da antiga democracia, a democracia burguesa, parlamentar; possa efectuar-se sem as mudanças mais radicais, sem a criação de novas formas de democracia, de novas instituições que materializem as novas condições de vida, etc.

20. A abolição do poder do Estado é o objectivo proposto por todos os socialistas, com Marx à cabeça. Sem que este objectivo seja atingido, a verdadeira democracia, isto é, a liberdade e a igualdade, é irrealizável. Ora, só a democracia soviética ou proletária conduz a este fim, porque ao associar as organizações das massas trabalhadoras, constante e necessariamente, à gestão do Estado, começa a preparar o desaparecimento completo do Estado.

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Semestral	...	...	...	...	...	60\$00
Anual	...	...	...	...	...	120\$00

O pagamento deve ser feito no início da assinatura e enviado por cheque ou vale do correio para a nossa direcção provisória. Os pagamentos directos podem efectuar-se também na direcção provisória das 18 às 20 horas.



# LENINE: A DEMOCRACIA BURGUESA E A DITADURA DO PROLETARIADO



o pretexto de condenar a «ditadura em geral» não são mais do que uma traição deliberada ao socialismo, mais do que a negação do direito do proletariado à sua revolução; é defender o reformismo burguês precisamente no momento em que abriu falência em todo o mundo, e a guerra criou uma situação revolucionária favorável.

4. Ao demonstrar o carácter de classe da civilização burguesa, da democracia burguesa, do parlamentarismo burguês — todos os socialistas exprimiram esta ideia, formulada da maneira mais científica por Marx e Engels, a saber: **a mais democrática das repúblicas burguesas não é outra coisa senão uma máquina que permite à burguesia oprimir a classe operária, e a um punhado de capitalistas esmagar as massas trabalhadoras.**

Não há um único revolucionário, um único marxista entre aqueles que, nos nossos dias, clamam contra a ditadura e pela democracia que não tenha feito juramentos solenes perante os operários de que aceitavam esta verdade fundamental do socialismo; e agora que o proletariado revolucionário está em fermentação e em movimento, que tende a destruir essa máquina de opressão e a conquistar a ditadura do proletariado, esses traidores do socialismo apresentam as coisas como se a burguesia tivesse doado aos trabalhadores a «democracia pura»; como se a burguesia tivesse renunciado a toda a resistência e estivesse pronta a submeter-se à maioria dos trabalhadores; como se, numa república democrática, não existisse e não existia um aparelho governamental que permita ao capital proceder ao esmagamento do trabalhador.

10. A guerra imperialista de 1914-1918 mostrou definitivamente aos operários não esclarecidos que a democracia burguesa, mesmo nas repúblicas mais livres, não é senão a ditadura da burguesia.

Dezenas de milhões de seres humanos foram massacrados, a ditadura militar da burguesia foi instaurada nas repúblicas mais livres, e tudo isto para enriquecer o grupo alemão ou o grupo inglês de milionários ou multimilionários.

Esta ditadura militar mantém-se, mesmo depois da derrota da Alemanha, nos países da Entente.

Foi justamente a guerra que abriu os olhos aos trabalhadores, arrancou as flores artificiais que enfeitam a democracia burguesa mostrou ao povo todo o abismo da especulação e do lucro durante a guerra e a propósito da guerra.

Em nome da «liberdade e da igualdade» a burguesia fez esta guerra; em nome da «liberdade e da igualdade» os fornecedores dos exércitos enriqueceram fabulosamente. Todos os esforços da Internacional amarela de Berna não conseguiram esconder às massas o carácter explorador, doravante inteiramente evidente, da liberdade burguesa, da igualdade burguesa e da democracia burguesa.

11. Na Alemanha, o país capitalista mais desenvolvido do continente europeu, os primeiros meses de inteira liberdade republicana, trazida pela derrota da Alemanha imperialista, revelaram aos operários alemães e ao mundo inteiro, o carácter de classe da república democrática burguesa. O assassinio de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburg é um acontecimento histórico de importância universal;

não somente porque estes foram os melhores líderes da Internacional Comunista, a Internacional verdadeiramente proletária, mas também porque, para o Estado mais avançado da Europa — e pode dizer-se, sem exagero, para um Estado avançado à escala mundial — ficou claramente exposta a sua verdadeira essência de regime burguês. Se as pessoas presas, isto é, postas sob guarda do poder governamental, puderam ser fuziladas impunemente por oficiais e capitalistas num **governo de sociais-patriotas** é porque a república democrática, na qual tal acontecimento foi possível, é uma ditadura da burguesia.

As pessoas que exprimem a sua indignação a respeito do assassinio de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburg e não compreendem esta verdade, si conseguem mostrar com isso a sua estupidez ou a sua hipocrisia.

A liberdade, numa das repúblicas mais livres e mais avançadas do mundo, na República Alemã, é a liberdade de matar impunemente os chefes do proletariado que se encontram sob prisão. E não pode ser de outro modo **enquanto o capitalismo subsistir**, visto que o desenvolvimento da democracia, longe de enfraquecer a luta de classes, acentua, pelo contrário, essa luta que, por causa das consequências e influências da guerra e suas sequelas, atingiu o seu ponto culminante.

Hoje, em todo o mundo civilizado, os bolcheviques são proscritos, perseguidos, encarcerados: por exemplo, na Suíça, uma das repúblicas burguesas mais livres; na América, massacraram-se os bolcheviques, etc.

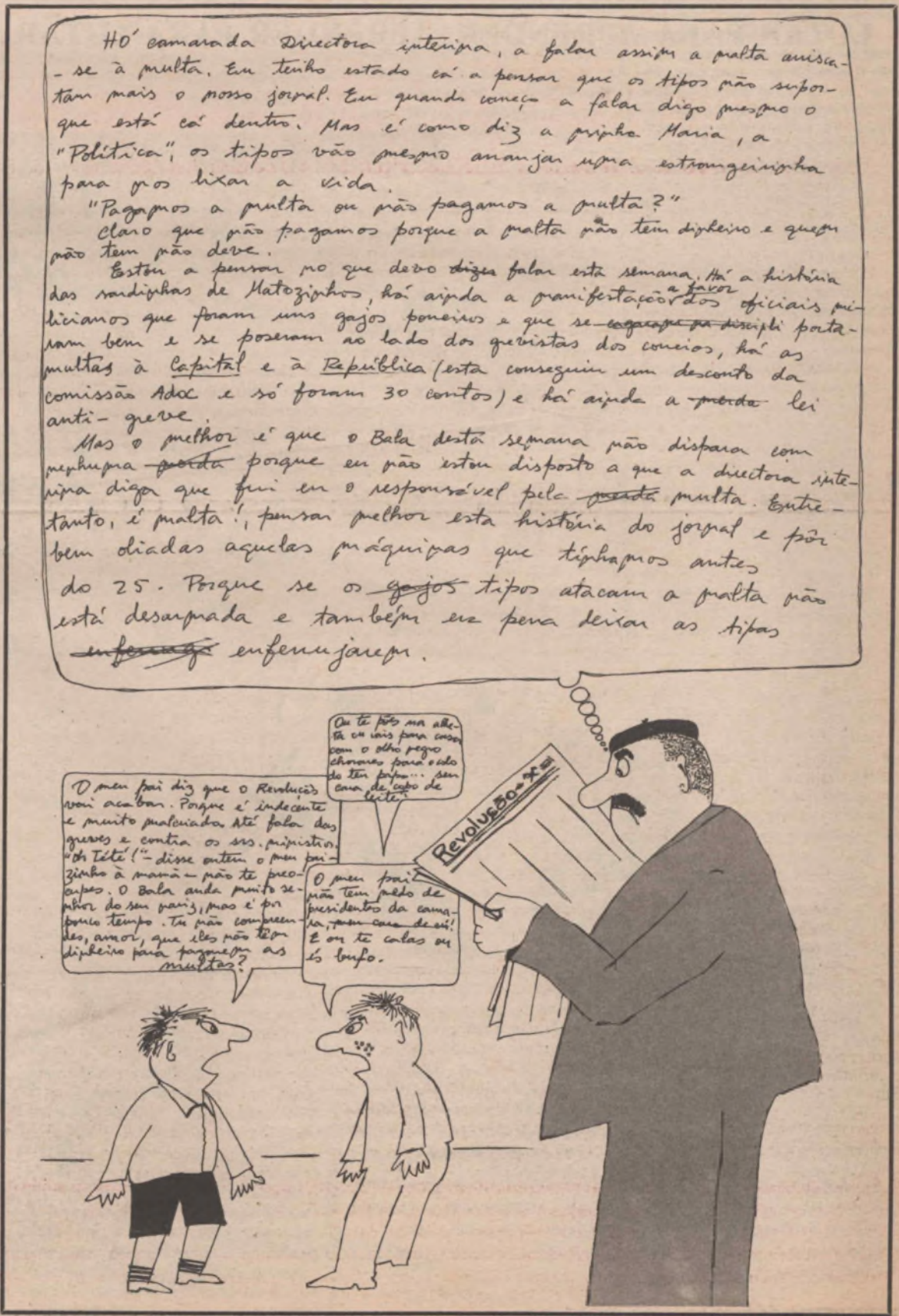
Sob a maneira de ver da «democracia em geral» ou da «democracia pura» é simplesmente ridículo que os Estados evoluídos, civilizados, democrá-

ticos, armados até aos dentes, temam a presença de algumas dezenas de homens, vindos da Rússia, atrasada, esfomeada e devastada, da Rússia que os jornais burgueses nas suas tiragens de milhões de exemplares chamaram selvagem, criminosa, etc. É evidente que a situação social que pode engendrar uma contradição tão flagrante é, na realidade, a ditadura da burguesia.

12. Neste estado de coisas, a ditadura do proletariado é não só absolutamente legítima, como meio para derrubar os exploradores e esmagar a sua resistência, mas também absolutamente indispensável para toda a massa trabalhadora, como única defesa contra a ditadura da burguesia que provocou a guerra e prepara novas guerras.

O ponto essencial, que os socialistas

Continua pág. 7



Ho' camarada Directora interina, a falar assim a multa anisita-se a multa, eu tenho estado cá a pensar que os tipos não suportam mais o nosso jornal. Eu quando começo a falar digo mesmo o que está cá dentro. Mas é como diz a gráha Maria, a "Política", os tipos vão mesmo arranjar uma estrangeirinha para nos lixar a vida.

"Pagamos a multa ou não pagamos a multa?"

Claro que não pagamos porque a multa não tem dinheiro e quem não tem não deve.

Estão a pensar no que devo dizer falar esta semana. Há a história das sandiças de Matosinhos, há ainda a manifestação <sup>a favor</sup> dos oficiais milicianos que foram uns gajos poneiros e que se colocaram no lado dos grevistas dos coneios, há as multas à Capital e à República (esta conseguiu um desconto da Comissão Adoc e só foram 30 contos) e há ainda a multa lei anti- greve.

Mas o melhor é que o Bala desta semana não dispare com nenhuma multa porque eu não estou disposto a que a directora interina diga que fui eu o responsável pela multa. Entre-tanto, é multa!; pensar melhor esta história do jornal e pôr bem diadas aquelas máquinas que tínhamos antes do 25. Porque se os gajos tipos atacam a multa não está desagrada e também se pena deixar as tipos ~~enferrujarem~~ enferrujarem.



O meu pai diz que o Revoluções vão acabar. Porque é indecente e muito maliciado até fala das greves e contra os srs. piquistos. "Os Têlé!" - disse então o meu pai - zinha à manã - não te preocupes. O Bala ainda muito se- alhor do seu país, mas é por pouco tempo. Tu não compreendes, amor, que eles não têm dinheiro para pagarem as multas?

Da te pôs na alhe- ta e só para coisa com o outro pego chamas para o lado de ter papo... sem cana de cabo de leite!

O meu pai não tem medo de presidentes da camara, não case de si! E os te calas ou és burro.